

As dificuldades da educação química com alunos deficientes auditivos

¹Sandra R. Longhin (PQ), ²Alessandro S. Oliveira (PQ), ³Waléria Rodvalho (PQ), ⁴Carlos J. A. Júnior (IC), ⁴Denise S. Bessa (IC), ⁴Mônica Barcelos (IC), ⁴Alinne M. Batista (IC), ⁴Felipe R. C. Costa (IC).
srls@pucgoias.edu.br

¹PUC Goiás/IFG; ²PUC Goiás/Uni-Anhanguera, ³IFG, ⁴PUC Goiás.

Palavras-Chave: ensino de química, educação inclusiva, construção do conhecimento

Introdução

Nos últimos 20 anos, em diversos países do mundo, houve intensas discussões sobre a necessidade de mudanças nos sistemas educacionais e na educação escolar¹. Em relação ao Ensino de Química, várias foram as iniciativas e projetos que trataram as dificuldades inerentes ao processo de ensino e aprendizagem em situação formal. Neste contexto, o fim das escolas especiais e a inclusão de deficientes em escolas convencionais teve como intuito a democratização da aprendizagem e formação. Analisando a realidade, na maioria dos casos, depara-se com uma situação de segregação, discriminação e um processo de ensino e aprendizagem que não cumpre sua função básica de informar e formar. Contribuem para isso, materiais, capacitação inadequada de profissionais bem como o próprio contexto sócio-cultural desses alunos com deficiência inseridos nessas escolas. Considerando-se assim a necessidade de formação², entendimento da linguagem³, exercício de cidadania⁴, aceitação da diferença e convívio com a diversidade⁵, o presente trabalho visa apresentar as dificuldades encontradas na elaboração de material didático e no trabalho em campo no ensino de química para pessoas com deficiência auditiva. Para tanto, elaborou-se um material didático abordando conceitos químicos de reações, explorando aspectos teóricos com a prática da experimentação. O mesmo foi tratado com alunos do nível básico, de escola da rede pública, na qual 22% apresentavam deficiência auditiva, sendo realizado no laboratório de ensino da PUC Goiás.

Resultados e Discussão

As dificuldades iniciais surgiram quanto a elaboração do material utilizado e a metodologia mais adequada, que pudessem favorecer a aprendizagem dos alunos com deficiência auditiva. Para mesmas, houve a necessidade de percepção e sensibilidade na construção de um material que explorasse aspectos visuais de escrita e disposição de imagens para favorecer o ensino dos conceitos. O diálogo com a linguagem científica por sua natureza corresponde a uma situação complexa². Com pessoas com deficiência auditiva tal situação é ainda mais agravada uma vez que fenômenos que

são observados no nível macroscópico, ainda são explicados por conceitos que situam-se no nível submicroscópico⁶. Assim, houve a necessidade de interprete não apenas conhecedor da LIBRAS, mas também capaz de tratar os conceitos químicos em uma situação de mediação que possibilitasse abranger os objetivos da educação química (figura 1). A capacidade de generalização pode ser conseguida, se o professor inserir atividades outras que contemplem generalizações e previsões, que darão ao ensino um caráter investigativo⁶.



Figura 1: Aspecto visual de interprete de LIBRAS, graduando em química, em atividade mediadora.

No entanto, tal situação corresponde a necessidade de trocas contínuas entre professores e alunos. Assim, também houve entraves que consideram-se relacionadas a aspectos socioculturais, que dificultavam noções básicas para o entendimento, pela própria visão estática do mundo, conferida apenas pela identificação de objetos e símbolos.

Conclusões

Considera-se a existência das dificuldades encontradas normal em contexto novo, no qual iniciativas tornam-se pioneiras. Porém, percebe-se pequenos avanços com a construção de materiais, estudo de metodologias e (re)adaptações de linguagem respeitando seus significados e construção de conceitos.

Agradecimentos

E.E. Israel Amorim (Iporá)/Col. Ariston Gomes (Diorama), PROGRAD – PUC Goiás.

¹Lima, M. E. C. C.; Fundamentos e propostas de Ensino de Química para Educação Básica no Brasil, Unijuí, p.89, 2007.

²Hernández, F.; Ventura, M.; A organização do currículo por projetos de trabalho, Artmed, 1998.

³Mortimer, E. F.; Smolka, A. L. B. linguagem, cultura e cognição; Autêntica; 2001.

⁴Chassot, A. Catalisando Transformações na Educação. Unijuí. 1998.

⁵Mol, G. S.; Raposo, P. N. A. O Ensino de Química em foco. Unijuí, p. 287, 2010.

⁶Silva, R. R.; Machado, P. F. L.; Tunes, E. O Ensino de Química em foco. Unijuí, p. 231, 2010.